

*Roubar um coração é a missão mais perigosa*

# PROMESSAS VAZIAS

LEXI RYAN

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# PROMESSAS VAZIAS



Planeta minotauro

LEXI RYAN

Tradução  
Débora Isidoro



Planeta minotauro

TRECHO ANTEVISADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Lexi Ryan, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Copyright da tradução © Débora Isidoro  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *These Hollow Vows*

*Preparação:* Ligia Alves  
*Revisão:* Renato Ritto e Tamiris Sene  
*Projeto gráfico e diagramação:* Márcia Matos  
*Capa:* Andrea Miller  
*Adaptação de capa:* Beatriz Borges  
*Ilustração de capa:* Luisa J. Preissler  
*Imagens de miolo:* Freepik, Aaron Stratten (mapa)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ryan, Lexi

Promessas vazias / Lexi Ryan; tradução de Débora Isidoro. - São Paulo:  
Planeta do Brasil, 2022.  
336 p. : il.

ISBN 978-85-422-1940-1

Título original: *These Hollow Vows*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Isidoro, Débora

22-5137

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

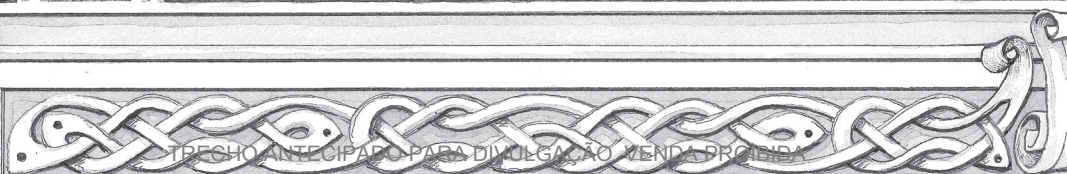
01415-002 – Consolação

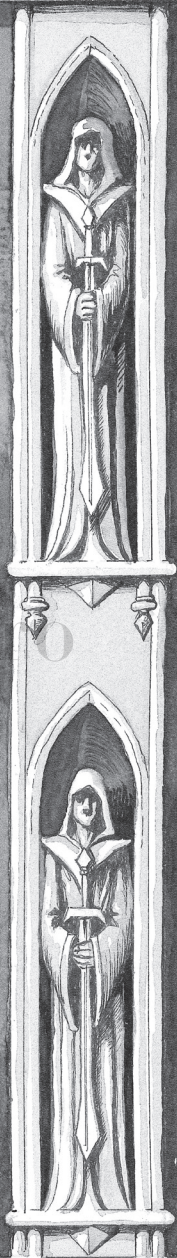
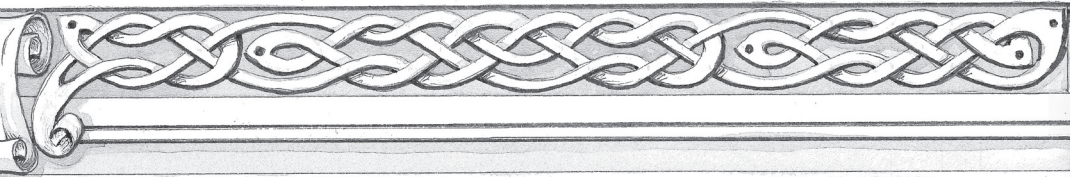
São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA







## Capítulo 1



**S**OMBRAS FRIAS SE ESPALHAM sobre minha pele suada, me acolhem, me disfarçam. Eu poderia me sentir bem na escuridão – deitar feliz sob as estrelas e deixar o ar noturno desmanchar os nós dos meus músculos tensos, fatigados –, mas não vou desperdiçar esta noite descansando ou me entregando a prazeres passageiros. Estas são as horas dos espões e ladrões. São as minhas horas.

Introduzo dois grampos de cabelo na fechadura, meus dedos rachados dançando em torno deles como se tocassem as cordas de uma viola. Esta é uma canção que ensaiei milhares de vezes, um hino que toquei em meus momentos mais desesperados. Melhor rezar para dedos habilidosos, para sombras e camuflagem, do que para os velhos deuses. Melhor roubar que passar fome.

Sapos coaxam ao longe, e esse coral quase encobre o clique gratificante da fechadura destravando. A porta de serviço da mansão Creighton Gorst se abre.

Esta noite Gorst está cuidando de seus assuntos em outro lugar. Tomei providências para isso. Mesmo assim, estudo o ambiente em busca de qualquer sinal dele ou da criadagem. A maioria dos ricos mantém guardas sempre a postos, mas alguns, como Gorst, são tão paranoicos que não confiam nem nas pessoas dos círculos mais próximos desacompanhadas perto de seus cofres. Espero por uma noite como esta há meses.

Desço a escada de pedra até o porão. A temperatura cai a cada passo, mas minha pele está quente por conta da adrenalina e da escalada dos muros da propriedade, e o frio que acaricia meu corpo é agradável.

No fim da escada, um sensor de movimento capta minha presença e acende uma luz, que se espalha fraca pelo chão. Eu a desconecto com um golpe de faca no centro sensível, devolvendo ao espaço uma escuridão tão completa que quase não enxergo minha mão na frente do rosto. *Bom.* Eu me sinto mais confortável no escuro mesmo.

Acompanho as paredes em torno do perímetro do porão deslizando as mãos nelas, até encontrar o aço frio da porta do cofre. Eu as examino às cegas

com a ponta dos dedos. Três fechaduras, mas nenhuma é muito complexa. Elas cedem à minha lâmina e aos grampos. Em menos de cinco minutos a porta está aberta e já consigo sentir o alívio relaxando meus músculos. Vamos conseguir o dinheiro do mês. Dessa vez Madame Vivias não vai ter como impor mais penalidades.

Meu sorriso de triunfo dura pouco, só até perceber os símbolos riscados no batente. E é assim, rapidamente, que a euforia do meu sucesso desaparece.

O cofre de Gorst é protegido por magia.

*Claro que é.*

Um homem rico, paranoico o suficiente para dispensar guardas, ficaria pobre muito rapidamente se não empregasse um pouco de magia para proteger sua riqueza.

A missão dessa noite é perigosa, e não posso correr o risco de me esquecer disso nem por um momento. Só roubo daqueles que têm mais do que precisam, mas com a riqueza vem o poder – o poder de mandar executar ladras como eu, quando são pegas.

Desvio das marcas e tiro da minha bolsa uma larva de pirilampo. Sua pele molhada e sedosa escorrega entre meus dedos, mas eu a aproximo do rosto, contendo um arrepio quando ela gruda. A criatura extrai um fio de sangue das minhas veias e sua pele brilha, iluminando o chão na minha frente. Odeio perder a escuridão, mas preciso ver os símbolos. Abaixada, sento sobre os calcanhares e acompanho o traçado de cada linha e curva, confirmando suas formas e intenções. *Magia inteligente, de fato.*

Essas runas não me impediriam de entrar no cofre. Elas me deixariam entrar e me trancariam lá dentro, me manteriam prisioneira até o dono da mansão poder resolver o problema comigo. Uma ladra comum informada apenas sobre runas de proteção poderia cometer o erro de pensar que a magia havia falhado ao passar por ela. Uma ladra comum acabaria trancada lá dentro. Que bom que eu sou tudo menos comum.

Penso um pouco, fazendo um esforço para achar um contrafeitiço apropriado. Não sou maga. Talvez quisesse ser, se meu destino fosse diferente e eu não passasse os dias ocupada esfregando o chão e limpando a bagunça das minhas primas mimadas. Não tenho tempo ou dinheiro para investir em treinamento, por isso nunca terei magia à minha disposição com encantamentos, poções e rituais. Tenho sorte por contar com um amigo que me ensina o que pode. E tenho sorte por saber como sair deste cofre depois de pegar aquilo de que preciso.

Tiro a faca da cintura e mordo a boca por dentro enquanto deslizo a lâmina na palma da outra mão, onde não tem uma larva. A dor aguda me deixa tonta e expulsa todos os pensamentos da minha cabeça. Por alguns momentos meu corpo balança, implorando para se entregar ao alívio da inconsciência.

*Respire, Abriella. Você precisa respirar. Não pode trocar oxigênio por coragem.*

A lembrança da voz da minha mãe me faz levar ar aos pulmões. O que está acontecendo comigo hoje? Normalmente não me incomodo com sangue ou dor. Mas estou exausta e com fome, depois de trabalhar o dia todo sem descanso. Estou desidratada.

*Estou ficando sem tempo.*

Mergulho o dedo no sangue que brota na palma da minha mão e, com cuidado, desenho as runas do contrafeitiço sobre aquelas riscadas na pedra. Limpo a mão ensanguentada na calça e estudo meu trabalho atentamente antes de levantar.

Não me permito parar de respirar quando atravesso a soleira, vou e volto imediatamente passando pelos símbolos nas duas direções para ter certeza de que minhas runas estão funcionando. Quando entro no cofre, projeto a luz da larva de pirilampo no interior e deixo escapar uma exclamação de espanto.

O cofre de Creighton Gorst é maior que o meu quarto. As prateleiras que cobrem as paredes são ocupadas por sacos de moedas de raon, joias e armas brilhantes. Minhas mãos coçam para pegar tudo o que eu puder carregar, mas não vou fazer isso. Se eu me deixar dominar pelo desespero, ele vai saber que alguém esteve aqui. Talvez saiba de qualquer jeito. Talvez eu tenha subestimado a capacidade daquele bêbado de contabilizar a riqueza que acumulou negociando prazer e carne, mas, se eu tiver sorte, ele nunca vai saber que alguém rompeu a barreira de seus símbolos mágicos.

Eu sabia que Gorst era rico, só não esperava esse tipo de riqueza. Prostituição e bebida enriquecem os homens, mas *tanto assim*? Examino as prateleiras e, instintivamente, toco uma delas ao ver a única explicação possível. Aproximo a mão de uma pilha de atos vitais, mas a afasto ao sentir o calor mágico que emana dela.

Se eu tivesse nascido com uma vida diferente, adoraria me tornar uma maga poderosa só por contratos como esses. Eu desfaria a magia que prende essas vidas a homens maus como Gorst. Reuniria meus recursos e libertaria tantas garotas quanto pudesse, antes de ser capturada e executada. Sabendo que não tenho a habilidade de desfazer a magia nesses documentos, eu os deixo onde estão. Tudo em mim grita que eu deveria tentar, pelo menos.

*Você não pode salvá-las.*

Relutante, me afasto. Escolho uma prateleira bem cheia onde o sumiço de um saco de moedas pode passar despercebido, e procuro runas. Nenhuma. Talvez Gorst devesse me pagar para ensinar a ele como realmente proteger seu tesouro. Pego uma bolsinha e espio dentro dela para ver o que tem ali – uma quantia em raon mais que suficiente para o nosso pagamento. Talvez dê para o mês que vem também.

Ele tem toda essa riqueza. Vai perceber se eu levar mais?

Examino as prateleiras e escolho com cuidado mais duas bolsas encaixadas atrás de pilhas desorganizadas de tesouros. Eu sabia que Gorst era desprezível, mas esse é o tipo de riqueza que as pessoas de Fairscape só conhecem se negociarem com feéricos. Sabendo disso, cada um daqueles contratos mágicos assume um novo significado. Já é bem ruim ele ter poder para obrigar aquelas pessoas a cumprir suas ordens, bem ruim que elas tenham que passar a vida pagando uma dívida impossível de saldar, mas, se Gorst tem negócios com os feéricos, ele está contrabandeando humanos para outro reino e eles vão passar a vida como escravos. *Ou coisa pior.*

São três pilhas de contratos. Não posso correr o risco de tocar neles, mas me esforço para olhar para cada pilha. Um dia vou comprar minha liberdade e, assim que minha irmã não depender mais de mim, vou voltar aqui. Um dia encontro um jeito.

Olho para a pilha mais próxima da porta do cofre e para o nome no topo dela. Releio o nome e a data do vencimento para o pagamento total. Uma vez. Duas. Três vezes. Meu peito fica mais apertado cada vez que releio os dados. Não acredito nos velhos deuses, mesmo assim faço uma prece ao ver aquele nome, aquela caligrafia de criança. A data de amanhã destacada com um traço do sangue dela.

Ouç passos lá em cima, o retumbar de botas masculinas, e escuto uma voz profunda. Não consigo compreender as palavras, mas não preciso entender o que ele diz para saber que preciso correr.

Minha bolsa pesa com os bens roubados, e eu a seguro contra um lado do corpo para impedir que faça barulho ao bater contra meu quadril, quando corro para fora do cofre. Tiro a larva de pirilampo do pulso, sufocando um gemido quando ela resiste, tentando tirar mais sangue.

— Paciência — sussurro, e a coloco no chão. A criatura rasteja pela soleira, limpando meu sangue com a língua pequenina.

Mais passos lá em cima. Risadas e o tilintar de copos. Ele não está sozinho, mas, se eu tiver sorte, todos estarão bêbados demais para me ver saindo.

— Depressa, depressa — cochicho para a larva de pirilampo. Preciso fechar o cofre, mas, se deixar meu sangue para trás, corro o risco de Gorst saber que alguém esteve aqui. Ou pior: ele pode levar uma amostra para um mago e me rastrear.

As vozes se aproximam, os passos soam na escada.

Não tenho escolha. Arranco a larva do banquete sangrento e a enfio na bolsa.

Jogo água do meu cantil nas pedras, antes de fechar a porta do cofre.

— Vou pegar outra garrafa — Gorst grita do alto da escada do porão, onde também fica a adega. Conheço muito bem essa voz. Eu limpava o bordel dele. Varria o chão e lavava os banheiros até um mês atrás, quando ele tentou me coagir a trabalhar em outra função.

Passei os últimos nove anos vivendo de acordo com duas regras: não roubo de quem me dá trabalho honesto e não trabalho para quem rouba de mim. Naquela noite acrescentei uma nova regra à lista: não trabalho para quem me chantageia e tenta me prostituir.

Cada passo das botas o traz para mais perto, mas meus movimentos continuam suaves e firmes.

Fecho uma tranca. *Clique.*

*Passo, passo.*

A segunda tranca. *Clique.*

*Passo, passo.*

A terceira...

— Que merda é essa?

*Clique.*

— Essas pedras de luz são imprestáveis – ele resmunga do alto da escada.

Minha respiração é rasa, e mantenho o corpo colado à parede, onde é mais escuro.

— Você vem ou não? — Uma voz feminina no topo da escada. Risadinhas.

— Encontramos a outra garrafa, Creighton. Vem!

— Estou indo.

Conto seus passos de volta e me aproximo lentamente da escada, enquanto ele sobe cambaleando. Está bêbado. Talvez a sorte esteja do meu lado esta noite.

Ouvindo com atenção, rastreio os movimentos deles pela mansão até não haver mais barulho nas dependências de serviço sobre mim, e todos os sons

se concentrarem na frente da casa. Não posso correr o risco de abrir o cofre de novo para remover o que sobrou do meu sangue. Não hoje.

Subo a escada com passos silenciosos, refazendo o caminho que me trouxe até aqui.

Não registro a intensidade da tensão que trava meus músculos até estar do lado de fora da casa e o nervosismo desaparecer de repente. Sob o céu da noite fria, sou invadida por uma onda de exaustão. Não vou parar agora, mas exigi demais de mim esta semana e não posso mais abusar do meu corpo.

Preciso dormir. Comer. E de manhã talvez até tenha alguns minutos para relaxar vendo o treino de Sebastian no pátio atrás da casa de Madame Vivas. Isso pode ser melhor que dormir ou comer.

Pensar nisso é como uma injeção de adrenalina no meu organismo, me empurrando para terminar o que ainda preciso fazer. As sombras me guiam para fora da mansão – um caminho sinuoso entre as árvores e os arbustos, me esquivando da lua como se fosse um jogo.

Os portões da frente estão abertos, e, embora meus músculos exaustos implorem por aquela saída mais fácil, não posso correr esse risco. Tiro a corda da bolsa e a arremesso por cima do muro da propriedade de Gorst. As fibras esfolam minhas mãos rachadas, e meus braços gritam a cada movimento de puxar o corpo para cima.

Pulo para o outro lado e caio com os joelhos flexionados. Minha irmã diz que pareço um gato, por causa do jeito como sempre pulei de árvores e telhados sem me machucar. Eu me considero mais uma sombra, despercebida e mais útil do que as pessoas se incomodam em notar.

Estou a uma caminhada de dez minutos de casa, e quase mancando com o peso do que roubei. Seria fácil entregar a Madame Vivas os pagamentos atrasados, ir para a cama e dormir por doze horas.

Mas não posso. Não depois do que vi em cima daquela pilha de contratos.

Desisto de ir para casa e desço a rua da loja de vestidos onde minha irmã Jas trabalha. Viro a esquina antes do bar de Gorst, passo por trás de uma lata de lixo transbordando e entro na “moradia comunitária” da cidade. Que piada. O prédio de quatro andares tem doze unidades de dois quartos, além de um banheiro e uma cozinha compartilhados em cada andar. É um abrigo, é melhor do que muita gente tem, mas, depois de ver a enorme propriedade de Gorst, a desigualdade me enoja.

A porta de minha amiga Nik está encostada, e escuto soluços lá dentro. Pela fresta, vejo a filha dela, Fawn, encolhida contra a parede, balançando o

corpo, os ombros tremendo. Fawn tem a mesma pele escura e o mesmo cabelo enrolado da mãe. Uma vez Nik me contou que tudo mudou para ela quando a filha nasceu, que daquele momento em diante tudo que importava para ela era ser a melhor mãe que pudesse, mesmo que para isso tivesse que ultrapassar limites que nunca ia querer que a filha ultrapassasse.

Empurro a porta e entro, e Fawn se assusta.

— *Shh*. Sou eu, meu bem — sussurro, e me abaixo. — Cadê sua mãe?

Ela levanta a cabeça e lágrimas correm pelo seu rosto. Os soluços ficam mais altos e mais constantes, todo o corpo dela treme e balança, como se tentasse resistir aos ventos de uma tempestade invisível.

— Meu tempo acabou — Fawn me diz.

Não pergunto o que isso significa. Eu já sei. Ouço passos, me viro e vejo Nik em pé atrás de mim, de braços cruzados, o horror estampado no rosto.

— Ela fez isso para me salvar — diz com a voz rouca, como se tivesse chorado, mas contivesse as lágrimas por pura força de vontade. — Ela pegou dinheiro do Gorst para comprar remédio do curandeiro para mim.

— Você estava morrendo — Fawn justifica, enxugando as lágrimas com raiva. Ela olha para mim. — Eu não tinha opção.

— Tinha. Podia ter falado comigo. Eu não teria deixado você assinar aquele contrato.

Seguro a mão de minha amiga e a afago. O problema com o desespero é que ele rouba a escolha certa da nossa lista de opções. Nik sabe disso tão bem quanto qualquer pessoa.

— Vou me entregar no seu lugar, Fawny. Entendeu? — Há uma determinação quieta na expressão de minha amiga que parte meu coração.

— E o que vai acontecer comigo depois disso? — pergunta Fawn.

Queria que ela não tivesse idade suficiente para entender que, oferecendo-se para ir no lugar dela, a mãe a estaria condenando a um destino que poderia ser ainda pior. Ninguém em Fairscape quer mais uma boca para alimentar. As únicas pessoas que podem fazer caridade são gananciosas demais para se importar.

— Pode ficar com ela, Brie? — pergunta Nik. — Você sabe que eu não pediria se tivesse alternativa. Fique com ela.

Balanço a cabeça. Eu queria, mas, se Madame Vivias descobrisse Fawn morando no sótão com a gente, as consequências seriam terríveis, e não só para Jas e para mim. Para Fawn também.

— Deve ter outra pessoa.

— Não tem, e você sabe disso — Nik responde, mas não há rancor em suas palavras, só resignação.

— Quanto ela deve?

Nik desvia o olhar.

— Muito.

— Quanto?

— Oito mil raqon.

O número me faz encolher por dentro. Essa quantia significa dois meses de pagamento para Madame Vivas, incluindo até mesmo todas as “multas”. Não sei quanto tirei do cofre de Gorst hoje, mas é bem possível que eu tenha o suficiente na bolsa para cobrir esse valor.

Fawn olha para mim com seus olhos grandes, implorando que eu a salve. Se eu não fizer nada, esse vai ser o fim da vida de Nik e, possivelmente, o fim da vida de Fawn. Na melhor das hipóteses, Fawn vai se tornar criada de alguma aristocrata rica. E na pior? Não tenho nem coragem de pensar.

Nik queria mais para a filha. Uma oportunidade para ser melhor, ter mais. Se eu atrasar o próximo pagamento de Madame V, vai ser só mais do mesmo para mim. Nossa dívida é muito grande, nossa vida é muito entrelaçada à da bruxa a que ficamos presas quando tio Devlin morreu. O que tem dentro desta bolsa não pode salvar Jas e eu, mas pode salvar Fawn e Nik.

Abro a bolsa e tiro as duas bolsas menores de dentro dela.

— Pegue.

Nik arregala os olhos.

— Onde conseguiu isso?

— Não importa. Pegue.

De olhos arregalados e queixo caído, Nik espia dentro das bolsas antes de balançar a cabeça.

— Brie, você não pode...

— Posso e vou.

Nik me encara por um longo instante, e vejo nos olhos dela o desespero travando uma batalha contra o medo por mim. Finalmente, ela me abraça com força.

— Eu vou devolver. Um dia. De algum jeito. Juro.

— Você não me deve nada. — Saio do abraço, ansiosa para ir para casa e me limpar. Desesperada para dormir. — Você faria o mesmo por mim e por Jas, se pudesse.

Os olhos dela se enchem de lágrimas, e vejo uma delas transbordar e correr pelo rosto, manchando a maquiagem. Sua gratidão se transforma em preocupação quando ela vê minha mão suja de sangue.

— O que aconteceu?

Cerro o punho para esconder a palma cortada.

— Não é nada. É só um corte.

— Só um corte? É uma infecção a caminho. — E acena com a cabeça na direção do quarto dela. — Venha comigo. Eu posso ajudar.

Eu sei que ela não vai desistir sem uma boa briga, por isso a sigo até o quartinho onde ficam uma cômoda velha e a cama que ela e a filha dividem. Sento na beirada da cama e a vejo fechar a porta e reunir o material.

Nik se abaixa na minha frente e pinta o corte com um líquido.

— Você se machucou pegando o dinheiro. — Não é uma pergunta, por isso não me dou ao trabalho de mentir. — Está tudo bem?

Tento me controlar quando o líquido penetra minha pele. A carne arde e coça onde está cicatrizando.

— Estou bem. Só preciso comer e dar uma cochilada.

Olhos escuros e incrédulos buscam os meus.

— Uma *cochilada*? Brie, você está tão esgotada que acho que só um coma pode renovar suas forças.

Dou risada... ou tento. O barulho parece mais um miado patético. *Muito cansada*.

— Atrasou outro pagamento para sua tia?

— Vence amanhã. — Engulo em seco quando penso nisso. Tenho dezessete anos, mas estou presa por magia a um contrato que, nesse ritmo, vai me manter em dívida com Madame Vivias pelo resto da vida. Quando minha irmã e eu nos comprometemos com o serviço há nove anos, tio Devlin tinha acabado de morrer, e mamãe tinha nos abandonado. Os pagamentos que Madame V exigia na época pareciam razoáveis – e muito melhores que o destino incerto de uma órfã –, mas éramos meninas que não entendiam coisas como juro sobre juro ou a armadilha insidiosa das multas que ela cobrava. Assim como Fawn não entendia realmente o contrato que tinha assinado com Gorst.

— E, graças a nós — diz Nik, pegando um pedaço de gaze —, vai atrasar de novo.

— Por uma boa causa — sussurro.

Nik fecha os olhos com força.

— Este mundo é muito ferrado.

Fawn não consegue ouvir esta conversa, a menos que esteja escutando atrás da porta, mas Nik baixa o tom de voz mesmo assim.

— Tenho um amigo que pode te arranjar trabalho.

Fico intrigada.

— Que tipo de trabalho? — Não há nenhum que possa me render o dinheiro de que preciso. Nenhum, exceto... — Se for para fazer aquilo, posso trabalhar para Creighton Gorst.

— Creighton ficaria com metade do seu dinheiro. — Nik envolve minha mão com o curativo e olha para mim com um sorriso triste. — Alguns feéricos pagam caro pela companhia de uma humana bonita, e mais ainda se você se vincular a eles. Muito mais do que Creighton pode oferecer.

— Feéricos? — Balanço a cabeça. Prefiro aguentar as mãos bobas dos clientes do Creighton a me entregar para um feérico. Meu povo acreditava que os feéricos eram nossos guardiões. Antes de dividirem o céu e abrirem os portais, os feéricos apareciam durante o crepúsculo em suas formas espirituais – só uma sombra ou um contorno nas árvores, que lembrava algo vivo.

Meu povo os chamava de anjos. As pessoas ajoelhavam e rezavam para os anjos continuarem perto delas, protegerem-nas, cuidarem de seus filhos doentes. Mas, quando os portais se abriram e os anjos finalmente vieram, eles não protegeram a gente de jeito nenhum.

Porque os feéricos não eram anjos. Eram demônios, e vieram para nos explorar, para roubar bebês e usar os humanos como seus escravos e procriadores. Enganaram milhares, induziram as pessoas a assinar contratos para lutar em suas guerras. Só quando os Sete Mágicos de Elora, os sete magos mais poderosos do mundo, vieram juntos, conseguimos proteger nossos portais contra eles. Agora eles só podem se apoderar de uma vida humana se a comprarem de maneira justa, ou se ela for dada a eles de graça – uma proteção mágica contra a qual os espertos feéricos criaram centenas de desvios. Na prática, isso só protege os ricos e poderosos.

*Melhor que nada, dizem muitos que defendem os Sete. É um começo. Ou pior: Se as pessoas não querem ser vendidas para os feéricos, não deviam fazer tantas dívidas.*

— Por que eles pagariam se podem só glamourizar as mulheres para convencê-las a dar tudo que eles querem? — pergunto a Nik.

— Fale baixo! — Ela estica o pescoço para ver se a porta atrás de si continua fechada. — Nem tudo que você escuta sobre eles é verdade. E meu amigo pode...

— Nem pensar. Vou achar outro jeito. Se tem uma coisa que eu sei é que nunca vou confiar nos feéricos.

— Estou preocupada com você — diz Nik. — Neste mundo, o único poder que nós temos é nossa autonomia. Não deixe ninguém te acuar. Não deixe o desespero tomar decisões por você.

*Como eu fiz por Fawn.*

— Não vou deixar — prometo, mas a promessa parece vazia, como se minha amiga já soubesse que é mentira. Trabalho o tempo todo e roubo tudo que posso carregar, mas não consigo cobrir a dívida.

Mesmo que eu aceitasse a ideia de vender meu corpo – e eu não aceito –, não quero ter nada a ver com os feéricos. Não me interessa quanto dinheiro eles oferecem. Tem coisas mais importantes que dinheiro na minha vida. Coisas mais importantes até que a liberdade – como cuidar de suas duas garotinhas e não as abandonar para fugir com o amante feérico.



— Eu ouvi, garota — Madame Vivias fala assim que minha mão toca a maçaneta da porta do porão.

Fecho os olhos. Devia ter entrado pela porta da adega. Já passa da meia-noite e não tenho energia para nenhuma tarefa que ela esteja planejando me dar. Abaixo a cabeça, viro-me para ela e me curvo em uma reverência rápida.

— Boa noite, tia V.

— Boa noite. Amanhã é lua cheia.

— Sim, senhora.

— Tem o meu dinheiro?

Mantenho os olhos fixos na mão que ela apoia no quadril – no anel que brilha em cada dedo. Qualquer um deles poderia cobrir o pagamento de um mês. Não levanto a cabeça. Não vou dar a ela a satisfação de ver o medo em meus olhos.

— Terei amanhã, senhora.

Ela fica em silêncio por tanto tempo que me atrevo a levantar os olhos. Está ajeitando os colares grossos de pedras brilhantes em seu pescoço, olhando para mim de cara feia.

— Se não tem hoje, quais são as chances de ter amanhã?

*Poucas.* Mas, até ser oficialmente tarde demais, não vou admitir. Cada vez que atrasamos o pagamento, nosso contrato fica mais longo, e os valores aumentam. É um ciclo vicioso de que não conseguimos escapar.

— Vou pagar amanhã, senhora.

— Abriella! — O grito estridente vem da escada, e tenho que me controlar para não reagir com repulsa à voz de minha prima Cassia. — Meus vestidos precisam ser lavados!

— Tem vestidos limpos no seu quarto — respondo. — Os que eu passei hoje de manhã.

— Nenhum deles serve. Não tenho o que vestir para o jantar de amanhã à noite.

— Meu quarto precisa de uma limpeza — diz Stella, a irmã dela, porque nem pensar em fazer mais por uma prima mimada do que pela outra. — Da última vez que ela fez faxina, passou pouco tempo lá dentro, e tudo está começando a ficar imundo.

Madame V arqueia uma sobrancelha e olha para mim.

— Você ouviu, garota. Vá trabalhar.

Vou ter que esperar mais algumas horas para dormir. Endireito os ombros e começo a andar na direção dos quartos de minhas primas.